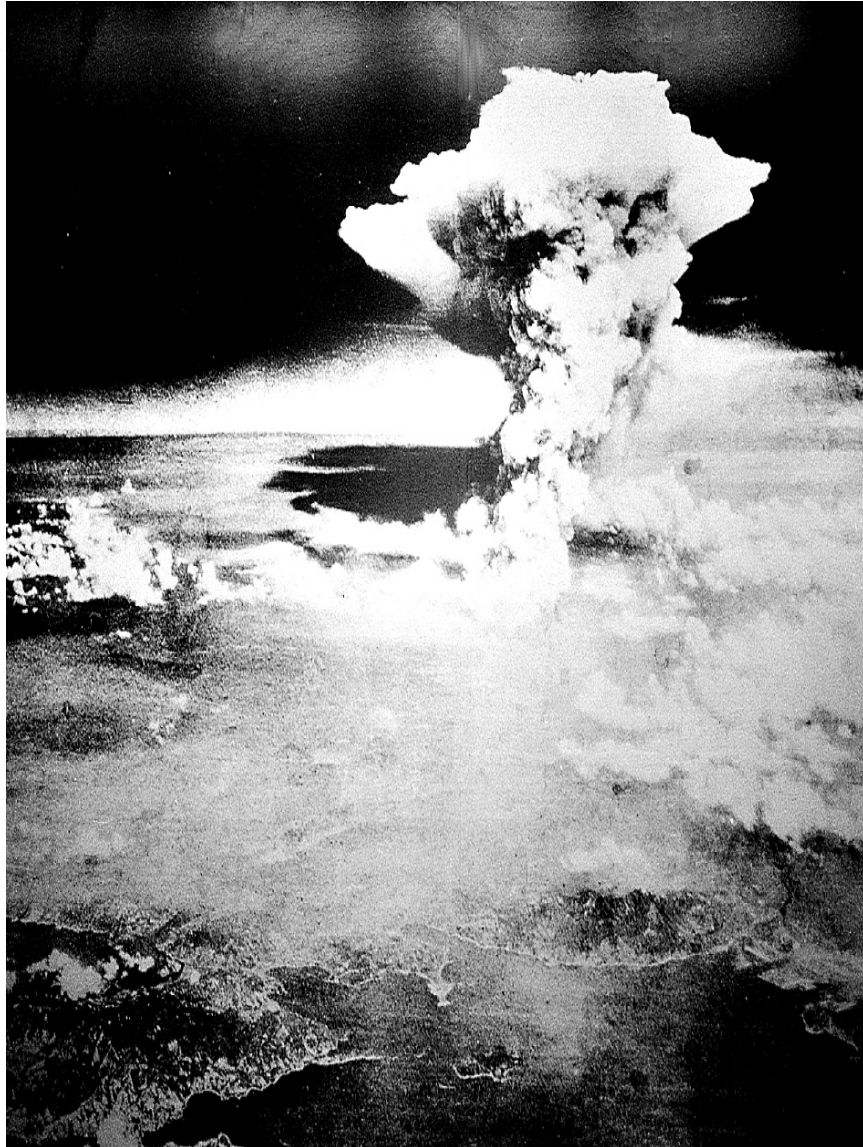


## Reportagem atômica



Uma única bomba que em segundos matou mais de cem mil pessoas e feriu gravemente outro tanto. Mesmo hoje, cinquenta e um anos depois e num mundo onde as atrocidades e as tragédias são tão freqüentes, a bomba atômica jogada em Hiroshima impressiona por seu poder de destruição.

Em 1946, um ano depois do fato, o jornalista John Hershey recebeu da revista norte-americana *The New Yorker* a incumbência de produzir um relato sobre o que significava uma cidade ser atingida pela bomba atômica. Seu trabalho resultou numa grande reportagem que ocupou uma edição inteira da revista e até hoje é incluído em todas as listas de “melhor reportagem já escrita.”

Os 300 mil exemplares da *The New Yorker* esgotaram-se rapidamente nas bancas. O preço de capa da edição era de quinze cents, mas cópias chegaram a ser vendidas entre quinze e vinte dólares. Albert Einstein, o pai da energia atômica e um declarado pacifista, enviou um pedido de compra de mil exemplares, mas não pôde ser atendido.

A reportagem acabou sendo publicada em livro, considerado um clássico do jornalismo. No Brasil, integra a excelente coleção Jornalismo Literário da Companhia das Letras e é uma aula para quem é do ramo e obra imprescindível para se entender o que houve naquele trágico 6 de agosto de 1945.

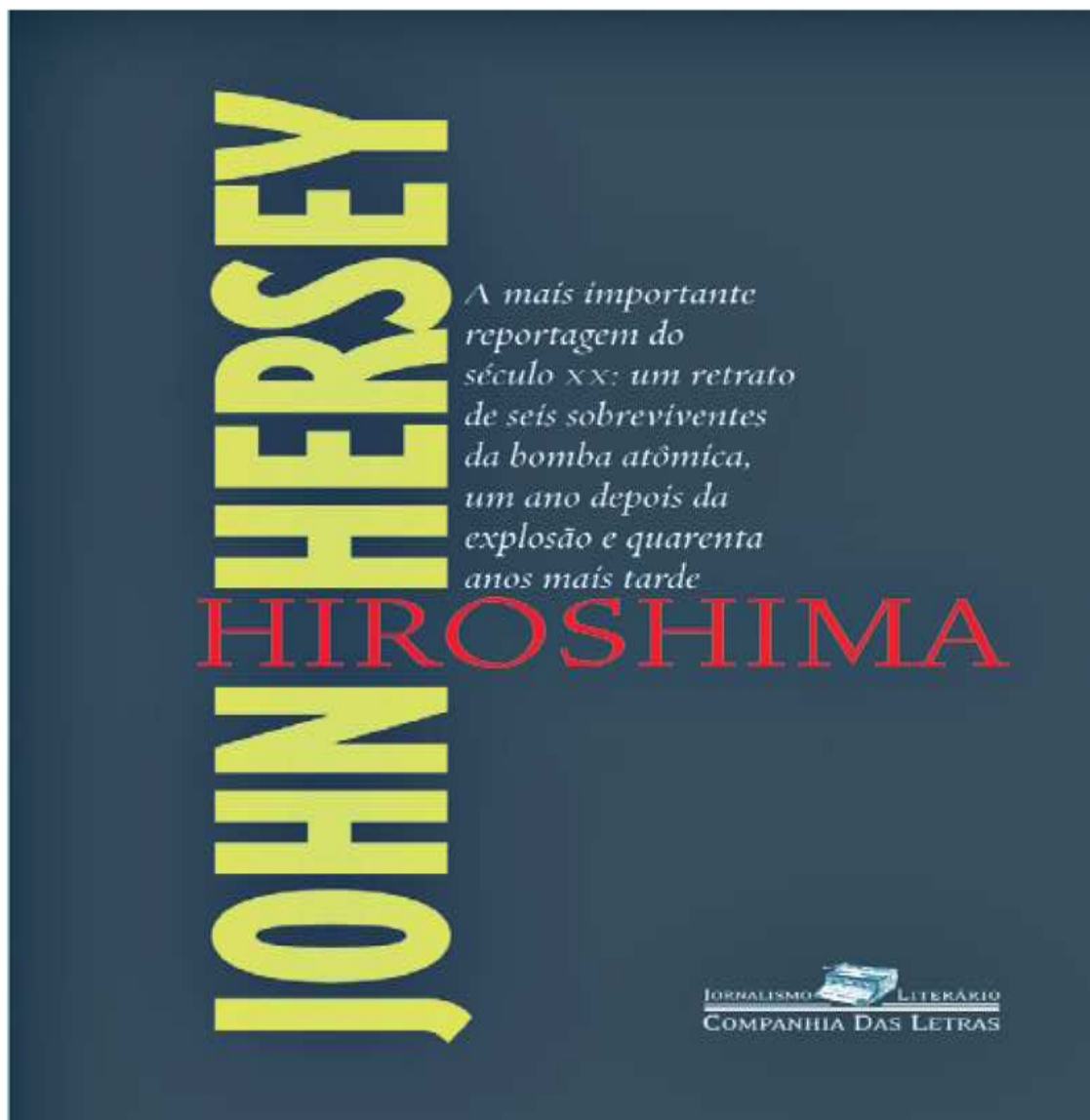
Ao receber a pauta sobre Hiroshima, Hershey teve a idéia de fazer a matéria nos moldes do de uma catástrofe no Peru contada sob o ponto de vista de cinco sobreviventes, que ele havia lido pouco antes. Foi assim que entrevistou seis sobreviventes de Hiroshima e, a partir desses depoimentos, reconstituiu a história sem nenhum furo jornalístico ou grande revelação técnica. Apenas mostrando o efeito devastador da bomba na vida dos habitantes da cidade. O que foi muito.

O resultado é soberbo. Jornalismo preciso, profundo e sem panfletagem “O tom da reportagem”, diz o jornalista brasileiro Matinas Suzuki no posfácio do livro, “ é um prolongamento da dor silenciosa que os sobreviventes de Hiroshima notaram nos enterrâneos feridos”. Os fatos e apenas os fatos fazem o leitor refletir sobre o absurdo de uma arma tão letal quanto a bomba atômica e a real necessidade dela ter sido usada – com a dose repetida alguns dias depois em Nagasaki – contra a população civil japonesa.

Quarenta anos depois da publicação da reportagem, Hershey voltou à Hiroshima, reencontrou seus entrevistados, todos ainda vivos, e acrescentou mais um capítulo ao livro. Nele entendemos o que aconteceu aos *hibakushas* – s pessoas atingidas pelos efeitos da bomba. É esta versão completa que está à disposição dos leitores brasileiros.

A bomba de Hiroshima produziu um clarão silencioso. “Parecia um naco de sol”, conta Hershey no livro, a partir do depoimento de um dos seus entrevistados, o reverendo Kiyoshi Tanimoto. O barulho não foi da bomba, mas das coisas destruídas num piscar de olhos. Depois do clarão, gotas imensas, do tamanho de bolas de gude, caíam do céu, formadas pela mistura de tudo que havia virado pó.

É nesse tipo de depoimento, pessoal, e na capacidade de Hershey em escrevê-los com sobriedade mas imensa força que está o grande valor do livro. Pouco anos antes de morrer, em 1993, o jornalista disse: “O estilo direto foi deliberado, eu ainda penso que estava certo ao adotá-lo. Um maneirismo de alta literatura ou a demonstração de paixão poderiam ter me conduzido à história como mediador; eu queria evitar essa mediação, assim a experiência do leitor poderia ser a mais direta possível”.



### Trabalho em equipe

O posfácio escrito por Matinas Suzuki na edição da Companhia das Letras – *Jornalismo com H* – é uma peça valiosa para se entender a importância da reportagem produzida por John Hershey.

Lembra Matinas que “*Hiroshima* é um exemplo de que ninguém, nem mesmo John Hershey, faz grande jornalismo sozinho. Ele teve dois cúmplices: Harold Ross, que 21 anos antes fundara a *The New Yorker*, e William Shawn, o editor que trabalhou por 55 anos na revista”.

Foi de Shawn a ideia da reportagem e de Ross todo o apoio para que ela fosse realizada e publicada com o máximo destaque. O repórter ficou pouco mais de três semanas no Japão, entrevistando os sobreviventes e levantando os dados, e levou mais seis semanas escrevendo o texto.

Ross teve participação decisiva na avaliação das 150 páginas originais do trabalho de Hershey. Fez mais de 200 observações, que obrigaram o repórter a reescrever duas vezes o texto. A idéia original era publicá-lo em série, mas foi de Shawn a solução de impactar de uma só vez os leitores com as mais de 30 mil palavras de *Hiroshima*.

Os três trabalharam dez dias fechando o material. A revista chegou às bancas com uma capa colorida com pessoas praticando esportes de verão num parque. Durante muito tempo, capas que nada têm a ver com o conteúdo, com ilustrações de alta qualidade, foram uma das marcas da *The New Yorker*. Mas essa edição trazia uma cinta de papel avisando o que havia lá dentro. O resto é história.